

# AS DUAS BRASÍLIAS NAS ELEIÇÕES

137

Ricardo Pinheiro Penna

O ELEITOR NO DISTRITO FEDERAL É DIFERENTE DOS DE MAIS ESTADOS DA FEDERAÇÃO. AQUI, O NÍVEL DE ESCOLARIDADE MÉDIO É MAIS ELEVADO, O NÍVEL DE POLITIZAÇÃO MAIS FORTE E O PESO RELATIVO DAS CORPORações PÚBLICAS MAIS EVIDENTE. AS CONSEQUÊNCIAS DESSAS PECULIARIDADES FIZERAM COM QUE TANTO FERNANDO COLLOR QUANTO FERNANDO HENRIQUE CARDOSO PERDESSEM AS ELEIÇÕES NO DF.

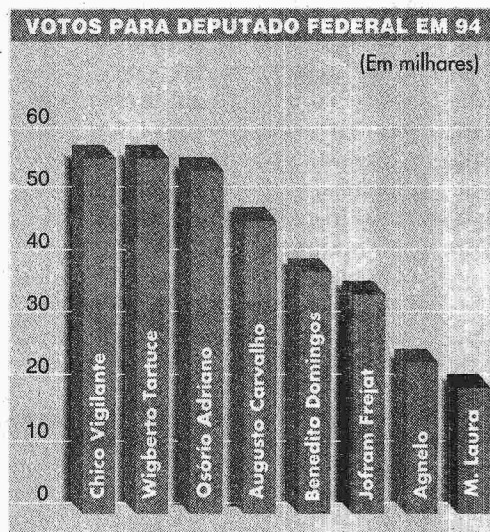
A curta história em Brasília não possibilitou, ainda, o surgimento de lideranças locais fortes e influentes, fazendo com que o comportamento do eleitor seja fortemente determinado pela renda, escolaridade e ramo de atividade. Aqui, vota-se em dois vetores: o corporativo e o distrital. As grandes corporações, como os professores, os policiais e os bancários elegem seus representantes corporativos, a setorização do plano urbanístico e o alto grau de segregação espacial elegem os candidatos de Taguatinga, Ceilândia, Brazlândia e Plano Piloto. Assim, criou-se no Distrito Federal uma cidade politicamente compartimentalizada e polarizada.

Nas últimas eleições o professor Cristovam Buarque obteve o voto de 69% de eleitores com o diploma universitário, e o senador Valmir Campelo ficou com apenas 28%. Inversamente, Valmir ficou com 61% dos votos dos eleitores semi-alfabetizados enquanto Cristovam com apenas 35%. Cristovam foi eleito pelos eleitores com até 39 anos e ricos e perdeu as eleições nos grupos acima de 39 anos. É assim. A história se repete. Em Brasília os eleitores de baixa renda, de baixa escolaridade e, conseqüentemente, moradores dos assentamentos, votam em candidatos chamados conservadores. Os ricos, de renda média elevada, universitários, moradores do Plano Piloto, Cruzeiro, Guarará e

Adauto Cruz 15.11.94



Com eleitorado de nível educacional acima da média e forte corporativismo, Brasília difere dos estados nas urnas

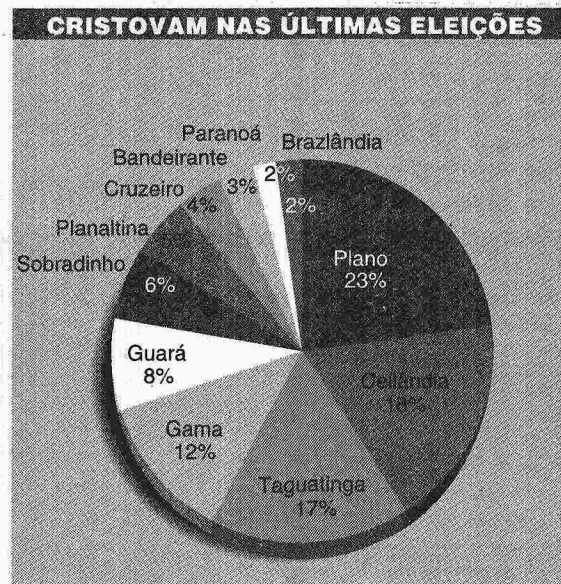


Taguatinga e, conseqüentemente, funcionários públicos bem posicionados, votam nos candidatos chamados de progressistas. A segunda zona eleitoral é típica nesse sentido. No Paranoá, Fernando Collor ganhou de Luís Inácio Lula da Silva em 1991. Fernando Henrique Cardoso bateu Lula em 1994, Roriz teve 89% de todos os votos nas eleições de 1991 e Valmir ganhou de Cristovam, com vantagem, no primeiro e segundo turno das eleições de 1994.

Inversamente no Cruzeiro e Guarará, Lula deu de balaiada em FHC, Cristovam massacrou Valmir e quase todos os candidatos de esquerda concentraram seus votos nessa região.

A pequena experiência do DF em política representativa, a falta de tradição e ausência de líderes políticos per-

mitiu a eleição de candidatos com muito pouco voto. Em 1991 os 24 deputados distritais foram eleitos com apenas 19% de todos os votos do DF. Wasny de Roriz foi eleito com apenas 2.845 votos. Em 1994, os parlamentares foram eleitos com apenas 1/3 dos votos de todos os eleitores. Com as lideranças ainda em formação, em 1991 foram necessários apenas 3 mil votos para eleger um deputado. Em



1994 esse número pulou para 7 mil e, é possível que, em 1998 sejam necessários, pelo menos, 10 mil votos para eleger um distrital.

Fica cada vez mais difícil aos políticos serem escolhidos exclusivamente pelo vetor espacial ou corporativo. Brasília atualmente tem 14 zonas eleitorais (Ceilândia foi dividida em Ceilândia e Ceilândia Sul; o Plano separado em Norte e Sul e foi criada a zona de Samambaia/Recanto das Emas) com 1,14 milhão de eleitores. O triângulo Taguatinga, Ceilândia e Samambaia tem 40% de todos os eleitores do DF. O Plano fica com 19% e o Gama com 11%. Portanto essas três áreas, ou cinco zonas eleitorais, são responsáveis por 70% de todos os eleitores da capital federal. Com poucos votos nessas regiões, fica cada vez mais difícil aos candidatos a deputados federal e distrital serem eleitos. Com poucos votos nessas regiões fica impossível eleger um candidato a governador ou senador.

O campeão dos votos de 1994, Luiz Estevão, teve 76% de seus votos no Plano Piloto, Taguatinga, Gama e Ceilândia. Lauro Campos teve 72%, e Arruda 69% do total de seus votos nessa região.

Vão ter sucesso em 1998 os candidatos com alta taxa de dispersão de seus votos e, principalmente, candidatos bem colocados no Plano, Ceilândia, Taguatinga, Ceilândia e Gama. Cristovam é forte no Plano, mas tem dificuldades na maior zonal eleitoral do DF, que é Ceilândia. O ex-governador Joaquim Roriz sofre uma enorme rejeição no Plano e precisa contorná-la para manter sua hegemonia nas pesquisas. Arruda por enquanto é o único candidato com uma distribuição relativamente dispersa em sua intenção de voto.

Nas últimas eleições os candidatos fizeram muitas promessas e pediram o voto para diversas corporações. Havia o candidato dos pioneiros, dos bancários, dos intelectuais, dos professores, dos policiais, dos setor O de Ceilândia e do Lago Sul. Os candidatos esqueceram dos eleitores sem carteira de trabalho, sem tíquete-transporte, sem vale-refeição, como se fossem eleitores de segunda classe e de menor importância. Brasília mudou nos últimos três anos. O Estado é menor, o emprego corporativo encolheu e a economia informal cresceu. Só terão sucesso nas próximas eleições os candidatos que forem escolhidos pelos brasilienses como um todo, sem discriminação do setor de atividade ou local de moradia.

■ Ricardo Pinheiro Penna é Diretor de Pesquisa da Soma Opinião e Mercado